

Originais recebidos em= 03/03/2023. Aceito para publicação em 27/06/2023.

Avaliado pelo sistema double blind peer review. Publicado conforme normas da ABNT.

Open access free available online.

DOI: <http://dx.doi.org/10.35700/2359-0599.2024.18.3538>

Decifra-me: signos pela cidade de Cachoeira, Bahia – Brasil

Fabiana Comerlato - <http://orcid.org/0000-0003-4675-1224>¹

RESUMO

O objetivo deste texto é trazer um relato de uma oficina de educação patrimonial, em que o exercício do olhar sobre elementos de arte decorativa presente em edificações da porção sudoeste da cidade histórica de Cachoeira, Bahia, proporcionou às pessoas participantes a reflexão sobre tais signos e a relação destes com a história local. Elementos integrados à arquitetura cachoeirana passam, muitas vezes, despercebidos na rotina diária da cidade e, para romper com essa invisibilidade, é preciso uma leitura visual dos bens culturais que compõem o município. Desse modo, a oficina propôs a apreciação (leitura sógnica) de forma prática, percorrendo o núcleo urbano, identificando elementos, desenhando-os, atribuindo-lhes significados e compartilhando conhecimentos e impressões acerca dos signos bidimensionais e tridimensionais visitados. O resultado da experiência mostrou que cada participante pôde – a partir da observação, da prática do desenho e da atribuição de significados – fazer sua própria leitura visual da cidade e trocar experiências de forma coletiva.

Palavras-chave: Educação patrimonial; arte decorativa; desenho; patrimônio cultural; Cachoeira.

¹ Possui graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995), mestrado e doutorado em História, área de concentração Arqueologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998 e 2005) e pós-doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2006). Atualmente é professora adjunta do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Líder do grupo de pesquisas Recôncavo Arqueológico. Vice-presidente da Associação Brasileira de Arte Rupestre (biênio 2012-2014). Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em arte rupestre, arqueologia histórica e projetos de educação patrimonial.

Decipher me: signs in the town of Cachoeira, Bahia – Brazil

ABSTRACT

This text reports on a heritage education workshop, with the objective of looking at elements of decorative art presente on buildings in the southwest section of the historic town of Cachoeira, enabling the participants to reflect on these signs and their relation with local history. The perception of elements integrated into local architecture often goes unnoticed in the daily routine of living in the town. A visual reading of cultural goods is required in order to end this invisibility. Thus, the workshop proposed the appreciation and practical Reading of signs while walking throught the urban center, and identifying, drawing, assigning meanings and exchanging knowledge and impressions of the two and three dimensional signs visited. The results of the experience demonstrated that every participant can make their own visual reading of the town and Exchange their experiences collectively from observation, the practice of drawing, and assigning meanings.

Keywords: Heritage education; decorative art; drawing; cultural heritage; Cachoeira.

1 INTRODUÇÃO

Cachoeira está localizada no Recôncavo da Bahia, na margem esquerda do Rio Paraguaçu, Estado da Bahia. A região foi grande produtora de açúcar durante o período colonial; onde hoje se localiza a cidade, foi instalada a Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira no ano de 1698 (VEIGA, 2019). Em 1971, Cachoeira foi tombada como Monumento Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Além disso, desde os anos 40 do século XX, conta com muitas edificações tombadas de forma individual, por sua importância artística, arquitetônica e histórica.

Ainda, a cidade possui relevante patrimônio cívico relacionado às lutas de independência da Bahia, dados o protagonismo e a atuação de vários segmentos sociais locais no processo de libertação nacional (COSTA, 2017). Além do patrimônio material, as expressões culturais afro-brasileiras são de grande

importância na cidade; como exemplo, podemos citar o registro do samba de roda e de terreiros de Candomblé. Desde 2005, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) vem alterando a produção e o uso do espaço urbano cachoeirano: com a implantação do Centro de Artes, Humanidades e Letras, a universidade contribui para o dinamismo econômico e a valorização cultural da cidade (SILVA, 2017).

O relato de experiência aqui apresentado contempla a realização de oficina que fez parte da programação do III Seminário do Programa de Arqueologia e Patrimônio Cultural, realizado, no final do mês de novembro de 2022, pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural da UFRB. Desse modo, tal atividade extensionista almejou contribuir com a preservação e reforçar o papel da universidade como *lócus* de formação e de práticas educativas no campo do patrimônio.

O objetivo da elaboração da oficina *Decifra-me: signos pela cidade de Cachoeira* foi pensar um percurso em que a arte decorativa fosse o elemento principal na observação do patrimônio edificado e em que os participantes pudessem reconhecer as figuras existentes nas fachadas e as obras em estatuária presentes em determinados espaços da cidade. A oficina teve como proposta valorizar os processos de troca coletiva entre os participantes para que os fluxos de informações e de percepção estética fossem socializados e compartilhados. Para isso, foi necessária uma metodologia que desse autonomia às pessoas por meio da percepção sensível, o que se fez em quatro atos: o ato de observar, o ato de experimentar, o ato de refletir e o ato de trocar/partilhar. O modo de perceber a educação patrimonial, adotado na oficina, coaduna com o proposto pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional:

[...] entende-se por Educação Patrimonial os processos educativos formais e não formais, construídos de forma coletiva e dialógica, que têm como foco o patrimônio cultural socialmente apropriado como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais, a fim de colaborar para seu reconhecimento, valorização e preservação (IPHAN, 2016, p. 6).

2 A EXPERIÊNCIA DA OFICINA

A oficina teve início com um encontro no prédio da Fundação Hansen Bahia, momento no qual as pessoas participantes – graduandos, pós-graduandos e comunidade – receberam as informações básicas sobre a atividade, além de prancheta, ficha e lápis com borracha. O grupo era formado por cerca de 15 pessoas, entre jovens e pessoas da terceira idade. Então, fez-se uma caminhada na porção mais antiga do núcleo urbano de Cachoeira, parando em seis pontos de interesse: 1) Sobrado da atual Fundação Hansen Bahia; 2) Estátua da Liberdade; 3) Loja maçônica; 4) Chafariz Imperial; 5) Igreja e Hospital João de Deus; e 6) Jardim do Hospital (Fig. 1). A atividade estava planejada para durar duas horas no turno matutino, sem intervalos, mas, na prática, estendeu-se por trinta minutos além do horário estipulado.

Figura 1 – Indicação dos pontos de interesse da oficina.



Fonte: Adaptado do Google Earth (2022).

Os pontos de interesse foram selecionados pensando tanto em suas proximidades quanto em suas diversidades. Os bens culturais escolhidos incluíram edificações civis e religiosas dos séculos XVIII, XIX e XX, com arte decorativa em estuque e elementos escultóricos. No percurso da oficina as pessoas participantes tiveram contato com signos fitomorfos, zoomorfos, antropomorfos, astrológicos, de nobreza e distinção social, e objetos² (Quadro 1).

Quadro 1 – Pontos de interesse da oficina e signos observados.

Bem cultural/local	Tipologia e natureza da obra	Signos
1. Edifício da Fundação Hansen Bahia/ Rua Treze de Maio	Ornato em estuque	Fitomorfos, zoomorfo
2. Estátua da Liberdade/ Praça 25 de Junho	Estátua em cimento	Antropomorfo, objetos
3. Loja maçônica/ Ladeira da Cadeia	Ornato em estuque	Nobreza ou distinção social, astrológico
4. Chafariz Imperial/ Praça Dr. Milton	Ornato em estuque e pedra	Nobreza ou distinção social, ligado ao fogo
5. Igreja e Hospital João de Deus / Praça Dr. Milton	Ornato em estuque	Nobreza ou distinção social, astrológico
6. Jardim do Hospital João de Deus / Rua Durval Chagas	Vasos e esculturas em faiança portuguesa, escultura em mármore	Fitomorfos, zoomorfos e antropomorfos

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

O primeiro ponto selecionado foi a fachada do sobrado da fundação. Em cada local era solicitado que as pessoas realizassem as seguintes etapas, em

² Signos fitomorfos: elementos vegetais (plantas, frutos, flores, folhas). Signos: zoomorfos. formas inteiras ou segmentadas de animais (fauna). Signos astrológicos: estrelas, astros, satélites e outros corpos celestes. Signos de nobreza e distinção social: brasões, coroas dentre outros. Objetos: elementos materiais de produção humana para diversas finalidades.

sequência: 1) observação dos elementos de arte decorativa; 2) produção de desenho à mão livre dos elementos observados; 3) identificação das formas; e 4) atribuição de significados. A ficha possuía quatro campos para preenchimento das respectivas etapas: 1) bem cultural/local; 2) desenho; 3) signo; e 4) símbolo. Durante o exercício do olhar não era dada nenhuma informação sobre o signo e o bem cultural em análise, a fim de não condicionar nem influenciar a leitura das figuras em estuque ou das esculturas nas fachadas das edificações e nos espaços públicos.

Após o processo de desenho e anotação na ficha, as pessoas participantes trocavam informações sobre suas interpretações quanto aos possíveis significados e atributos históricos da arte decorativa. A cada parada (que durava em torno de 20 minutos), o nível de interação aumentava gradativamente, os participantes investiam mais tempo nos desenhos e dialogavam mais acerca de suas percepções. Portanto, além de ser um exercício individual, também foi coletivo, na medida em que compartilhavam entre si suas impressões e conhecimentos sobre os lugares visitados. O exercício do olhar era transportado para a cidade como um todo, o que fez com que o grupo, de forma exploratória e livre, identificasse outros elementos de arte decorativa durante o trajeto de um ponto de interesse a outro.

Um aspecto importante, que ficou latente durante o processo, foi o alcance dos significados universais atribuídos aos signos e suas possíveis versões locais. A pesquisa em dicionários de símbolos foi socializada com as pessoas participantes, que inferiam e debatiam os significados empregados naqueles contextos. Foi objeto de questionamento do grupo as escolhas de determinadas figuras, se teriam ocorrido por razões religiosas, convenções artísticas ou gosto pessoal do proprietário da obra. Verificou-se também que a mesma forma poderia ter vários significados, a depender do local onde se encontrava e de sua temporalidade.

Ainda no decorrer da oficina, surgiram questionamentos sobre quem eram os produtores da arte decorativa integrada aos testemunhos da colonização portuguesa. O ofício de estucador, como uma atividade manual, era trabalho de escravizados, pobres, órfãos ou desvalidos, até o surgimento dos liceus e das

escolas profissionalizantes (ROZISKY, 2017). Portanto, a população afrodescendente exercia a mão de obra nas ocupações de pedreiro, entalhador, carpinteiro e também estucador. Percebeu-se que, segundo relatos orais, um machado de Xangô representado na cruz da coroa do brasão no Chafariz Imperial é interpretado pela população local como símbolo de resistência negra. O rio Pitanga abastecia o chafariz, como explica Vaneza Rita Silva Melo:

As águas estavam presentes nestas arquiteturas que representam em si uma história oficial. Os detalhes das fachadas das casas, os frontispícios das igrejas, o interior das naves litúrgicas, o fontanário ou até mesmo uma enorme torneira de cobre em Cachoeira são repletos de uma visualidade que remete ao elemento água (MELO, 2017, p. 15).

O exercício da oficina trabalhou com a multidimensionalidade do patrimônio, uma vez que o material e o imaterial estão indissociáveis e imbricados na experiência do viver a cidade. Como explica Maria da Graça Andrade Dias, “[...] o espaço é representado no imaginário, a ele são atribuídos valores, assim a percepção de parte da história da cidade em que se localiza o monumento, de importância histórico-arquitetônica, ultrapassa a dimensão física” (DIAS, 2015, p. 111). Ao identificarmos, representarmos, dotarmos de significados a materialidade, relacionamos saberes e experiências que envolvem aspectos imateriais, como o saber/fazer, e práticas sociais. Assim sendo, durante todo o exercício da oficina, foram exploradas diferentes possibilidades de interpretação do patrimônio, considerando-se a contribuição de cada participante na partilha de sua própria construção de sentido.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que, por meio da oficina *Decifra-me*, direcionamos a atenção à arte decorativa como suporte visual e simbólico, dada sua invisibilidade perante a monumentalidade dos edifícios, para que esse patrimônio possa fazer parte do repertório de imagens e memórias da cidade de Cachoeira. Em consonância com as reflexões de Sônia Regina Rampim Florêncio:

A educação que se vislumbra é aquela que se caracteriza como mediação para a construção coletiva do conhecimento, a que identifica a comunidade como produtora de saberes, que reconhece, portanto, a existência de um saber local. Enfim, a que reconhece que os bens culturais estão inseridos em contextos de significados próprios associados à memória do local (FLORÊNCIO, 2015, p. 26).

A educação patrimonial é um processo no qual os saberes coletivos locais são valorizados e priorizados, por meio de metodologias que focam na produção de sentido das e para as pessoas. A metodologia construída na oficina *Decifra-me* propiciou olhar o espaço urbano a partir de uma escala micro – elementos figurativos – para uma escala macro – a cidade e seus contextos históricos e sociais, descobrindo construções visuais pretéritas. As pessoas que participaram puderam – ao transitar pelas ruas e praças do centro histórico de Cachoeira a partir de um roteiro pré-definido – perceber, nos pontos de interesse, os signos integrados à arquitetura da cidade, à medida que os observavam, refletiam e partilhavam suas próprias percepções visuais coletivamente.

REFERÊNCIAS

COSTA, Tamires Conceição. **Relatório final de elaboração do material didático “A independência do Brasil na Bahia: memória e patrimônio no Recôncavo”**.

Dissertação (Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2017.

DIAS, Maria da Graça Andrade. **Memórias e existências: identidade e valores na representação social do patrimônio no Recôncavo da Bahia**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. Educação patrimonial: algumas diretrizes conceituais. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015. p. 19-30.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Portaria nº 137, de 28 de abril de 2016. Estabelece diretrizes de Educação Patrimonial no âmbito

do Iphan e das Casas do Patrimônio. Brasília, DF: Diário Oficial da União, seção 1, n. 81, p. 6, 29 abr. 2016.

MELO, Vaneza Rita Silva. **(In) Fluxo**: corpo não linear, corpo conexo. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2017.

ROZISKY, Cristina Jeannes. **Arte decorativa**: forros de estuques em relevo, Pelotas 1876-1911. Pelotas: Ed. UFPel, 2017.

SILVA, Ozana Rebouças. **Universidade e desenvolvimento local**: a UFRB e o desenvolvimento em Cachoeira/BA segundo a percepção dos agentes locais. Dissertação (Mestrado em Gestão de Políticas e Segurança Social) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2017.

VEIGA, Elisângela Queiroz. **A forma urbana de Cachoeira, Bahia**: histórico da ocupação do século XVI ao século XX e crescimento espaço-demográfico no século XX. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.